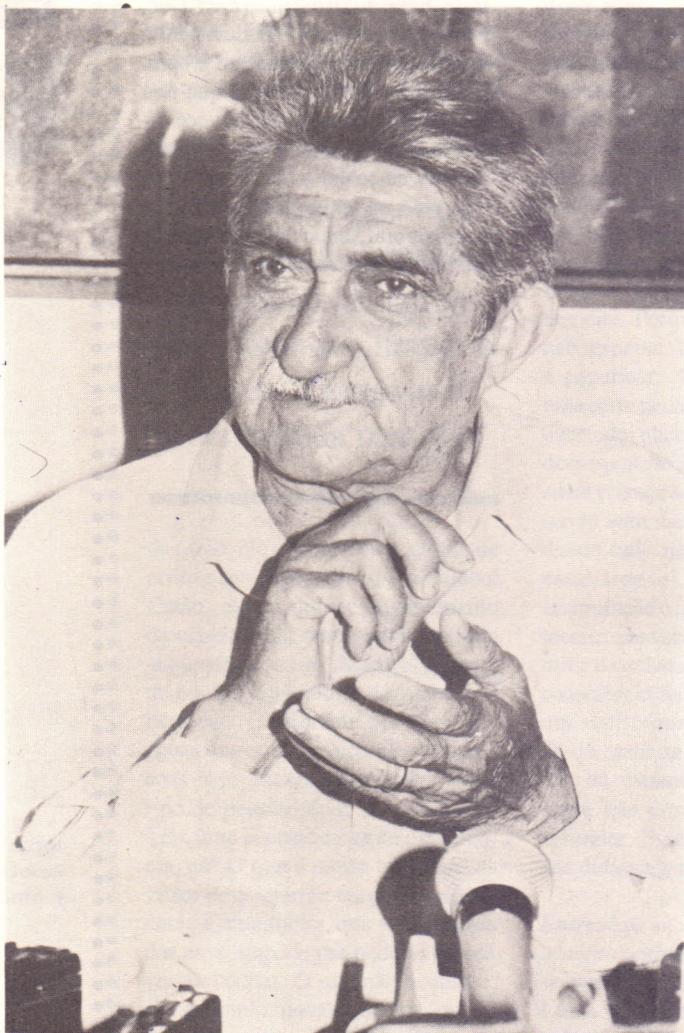


Zé Pinto é artista a ferro e fogo



À primeira vista, Zé Pinto pode parecer disperso. Mas nesta Entrevista mostrou estar muito atento a todas as formas do mundo.

Na sua velha bicicleta, vai Zé Pinto esperto pela cidade, atento às formas das nuvens e à pouca roupa das mulheres. Cheio de filosofias de pára-choques ou de portas de banheiro, parindo zé pintismos na molecagem da Fortaleza.

Sem possuir verniz que seja de intelectualidade, o artista cobre-se da densa graxa da inventividade, polindo-a com o fogo criativo da imaginação. Zé Pinto, mordaz, devolve triplicando o desdém de mármore dos seus colegas de arte.

Falando baixo, mastigando as palavras, intercalando-as por observações fugazes, Zé Pinto confessou, durante o papo, não ser um grande apreciador de banhos, que combina com sua assumida desorganização.

Ele fez jus à fama de mulherengo, que cultivava com mais vigor ao avançar da idade. Não deixou de observar e comentar com todas da turma, com bom humor, o descarado machismo latino.

Sua aguçada percepção para as formas também foi observada ao comparar uma, até então anônima, mancha de mofo na parede a um viadinho pulando. Zé Pinto tem o sentido das formas.

Comeu pouco e bebeu menos ainda. Falou de seu trabalho, iniciado aos 50 anos, dos filhos, da mulher, que ele definiu como uma chata, da paixão pelas bicicletas, da urbanidade de Fortaleza, sua inspiração natural.

E, principalmente, de sua arte, suas descobertas, do seu modo materialista de amar e realizar seu trabalho. A arte é como um filho: você concebe, e lança ao mundo. Não é para dormir sob colchões, é para a satisfação das necessidades do artista.

Além das idéias, e do próprio homem que as acalenta, está a arte, o objeto concreto que nos ultrapassa no tempo e no espaço e que justifica nossa estada nesta terra. Segue o criador parindo criaturas. Zé Pinto, o artista, nasceu bem antes, e morrerá depois daquele menino, batizado um dia de Francisco Magalhães Barbosa.

Entrevista com o artista plástico Zé Pinto, dia 25/11/93. Produção:

Ana Maria Xavier, Djane Nogueira e Karine Rodrigues

Abertura: Eleuda de Carvalho **Redação, edição e texto final:**

Ana Maria Xavier, Djane Nogueira e Karine Rodrigues

Participação: Ana Maria Xavier, Ana Paula Farias, Carla Soraya Florêncio, Christine Meireles, Cristiane Parente, Djane Nogueira, Eleuda de Carvalho, Karine Rodrigues, Leonardo Pinto, Luciana Rabelo, Luziania Xavier, Maurício Lima, Mauro Costa e Roberta Manuela

Foto: Jarbas Oliveira

Arte foi definida pelos gregos, há mais de cinco milênios, como "expressão do belo". Até chegar ao conceito de aura da obra de arte, elaborada pelos frankfurtianos, ou à afirmação da técnica na pós-modernidade, mudaram-se os tempos, mudaram-se as vontades, como diria um poeta barroco caolho.

A pergunta bizantina se impõe: afinal, o que é obra de arte? Irrespondível, podemos no entanto deduzir que arte e seu conceito adquirem configurações coerentes com uma época, uma cultura, um pensamento.

Alheio às discussões, mas parabolizado ao seu contexto, o artista plástico Zé Pinto vai extraindo da sucata, à solda e maçarico, originalidade, unidade e essência concretizada em sua arte.

Como Chico da Silva ou Aldemir Martins, recria do ferro velho um ser animal, com penas, crista e canto, chamado na Língua Portuguesa "galo". Chico da Silva fazendo escola e seguidores na imensa categoria da arte popular. Aldemir, sem mecenas renascentistas, enfeitando latas de biscoitos. E Zé Pinto, entre a arte e o artesanato, espalhando padres cíceros pelo mundo.

Entrevista -- Pra começar, a gente tem umas dúvidas. Seu nome de registro é Francisco Magalhães Barbosa. Qual a origem do apelido Zé Pinto?

Zé Pinto -- Minha filha, meu nome é Zé Pinto. Porque o Zé Pinto é mais velho do que eu. Minha mãe é de Canindé, da família Pinto Magalhães. Chamavam-na Maria Pinto Magalhães. Ai, ela ganhou um Pinto e perdeu o outro. Ela casou com meu pai, ganhou um Pinto, perdeu outro. Pinto, do pai dela. Eu tinha uma tia, irmã do meu pai, tia Bibi. Era muito inteligente, muito cavilosa. Ela que pôs esse em nome em mim, de Zé Pinto. Depois, a minha mãe fez uma promessa ao santo de Canindé, não sei por que, e botaram meu nome de Francisco. Eu acho errado se pôr nome nos outros. Ninguém quer saber se a pessoa vai gostar ou não vai. Ai taca Raimunda. A pessoa vai arrastar aquele nome, morre e ainda bota lá: "Aqui jaz Raimunda". Eu sou Francisco Magalhães Barbosa, é um nome até bonito, mas eu não gosto. Zé Pinto me caiu melhor. Eu comecei a fazer arte com 50 anos. E o Zé Pinto deu certinho comigo. Eu sou dois, porque o Francisco Magalhães Barbosa... Eu sou funcionário da Universidade (Federal do Ceará, aposentado). E o Zé Pinto é um cara desligado. Pois bem, no casamento tá Francisco Magalhães Barbosa. A minha mulher pensou que era casada com o Zé Pinto, mas não é. A família do meu pai, Barbosa, no São Gerardo, Alagadiço, era uma família tradicional. Houve dois times de futebol, na família do meu pai, o Maguary e o Peñarol. E meus tios frequentavam a sociedade, desfrutavam.

“Não tenho hora pra nada. Eu não tive hora pra nascer, não vou ter pra morrer. Nunca usei relógio. Estou só tocando...”

Mas meu pai, não. Meu pai era um homem muito trabalhador, marceneiro, fazia móvel. Era um grande artista em móveis. Trabalhava que só, um doido, morria de trabalhar. Nunca passeou, nunca tomou uma cerveja, nunca. E eu procuro fazer o que ele não fez. Meu pai era um cara muito agarrado nas coisas. Eu não, não vou levar nada, não é? Não tenho hora pra nada. Eu não tive hora pra

nascer, não vou ter pra morrer. Nunca usei relógio. Estou só tocando...

Entrevista -- Você disse que seu pai era um homem muito trabalhador. E sua mãe?

Zé Pinto -- Minha mãe ainda é viva, tá lá, doentinha... A minha mãe era uma dona de casa, uma pessoa trabalhadora. Só tomava conta da casa, dos filhos. Não é como as mulheres de hoje, que só pensam em emprego, mil coisas... Mamãe não, só fazia aquilo. Fazia menino e cuidava.

“Mas eu não sou desses caras, ‘bom era o meu tempo...’ O meu tempo ainda é hoje (...) Tem coisas ruins hoje e tem coisas boas.”

Entrevista -- O senhor...

Zé Pinto -- Quem é senhor?

Entrevista -- Você. Quando era menino, já tinha algum pendor artístico?

Zé Pinto -- Não, meu pendor ainda... (risos), inda tá, né?

Entrevista -- Tá de pé?

Zé Pinto -- Tá.

Entrevista -- Fala um pouco pra gente como era o menino Zé Pinto. Você nasceu aqui mesmo em Fortaleza...

Zé Pinto -- Ali, no Alagadiço. De Alagadiço foi pra São Gerardo e hoje é avenida Bezerra de Menezes. Ali era uma beleza, ainda é. Só que hoje em dia tem muito carro, barulho. No tempo que eu era menino, passava um carro de manhã, outro de tarde. Em 1938, passou um carro alemão, era o “carro misterioso”. Tinha esse vidro fumê, que tem hoje. Na Alemanha já tinha... Ai ninguém via o cara. Tudo era o fim do mundo, o fim do mundo ia ser tal dia... Diziam que negro ia virar macaco... Era tão engraçado, Fortaleza. Tinha as coisas folclóricas. Tinha os ditados. Hoje a televisão castrou todo o mundo, só repete o que eles dizem. Fortaleza tinha umas coisas ingênuas, mas eram boas. Tinha o “ai da Base”, já ouviram falar?

Entrevista -- O que era esse “ai da Base”?

Zé Pinto -- É porque quando criaram os soldados da Base, eles andavam com uma farda bonita e as mocinhas

eram todas doidas por eles. E eles, aqui acolá tavam imprensando uma no muro. Uma gritou “ai, da Base”, e ficou. Tinha uma “vai ver Doquinha do Oião”... Tinha um preto que tinha uma bodega, na (rua) 24 de Maio, era o Chico da Mãe Isa. Era 24 de Maio com Pedro Pereira. Hoje agora é uma farmácia. Passou muito tempo fechada. A Praça do Ferreira era o coração da cidade. Tudo se resolvia na Praça do Ferreira. Tinha os alunos do Liceu. Qualquer coisa eles quebravam ônibus, era uma coisa danada. Tinha muita força, o aluno de Liceu. Hoje não tem mais. Mas eu não sou desses caras, “bom era o meu tempo”... O meu tempo ainda é hoje. Pra mim todo tempo é bom, é ruim. Tem coisas ruins hoje e tem coisas boas, como tinha coisas ruins... Antigamente, as coisas eram mais difíceis. Por exemplo, na casa. Não conhecia liquidificador. Tinha um pote d’água e uma quartinha, pra esfriar. O ferro de engomar era de brasa. Ai o americano empurrou e disse que é progresso. A mulher hoje tem tudo na casa, num instante resolve uma comida. E antigamente, fazer comida era na lenha. As meninas andavam com umas rouponas, mal se via nada. Hoje é bom (risos). Sabe como era o banho de mar? Eu vim falar de Fortaleza? (risos) Bom, o rapaz ia pra praia todo pronto: paletó, gravata. Chegava lá, tinha umas casinhas, uns quartos, que alugavam calção. Um calção de mescla. O cara deixava a roupa, o dinheiro, tudo lá, e ia tomar banho. Voltava, tomava banho de água doce - não era salgada, como a do Ciro Gomes, né? Ai ia pra missa.

“Com 50 anos de idade, comecei a fazer arte. Puxei aos filhos. Começaram desde pequenos e notei que eles tinham muito talento.”

Entrevista -- Você chegou a fazer isso?

Zé Pinto -- Lá na Igreja do Carmo. Era assim que era a cidade de Fortaleza.

Entrevista -- Ia pra missa pra rezar ou pra ver as meninas?

Zé Pinto -- As duas, né?

Entrevista -- Era namorado?



Quando convidado pela equipe de produção para participar da entrevista, Zé Pinto respondeu que não sabia se estaria vivo até lá.

Zé Pinto revelou que gostaria de comer bolinhos de bacalhau durante a entrevista. Mas ficou bastante preocupado com o preço.

Calça de veludo preta, camisa bege, sapato social preto e meias combinando com a camisa. Este era o traje de Zé Pinto no dia.



A equipe de produção e o professor Ronaldo apanharam Zé Pinto no Centro de Convenções. Ele estava expondo numa feira de carros.

Zé Pinto não calou o 'bico' um só minuto durante o trajeto do Centro de Convenções até o Curso de Comunicação Social da UFC.

No dia do briefing, Zé Pinto ia tirar a carteira de passe-livre para idosos. Mas só usa ônibus quando a distância é grande.

Zé Pinto -- Sou mais hoje.

Entrevista -- Por quê?

Zé Pinto -- Porque é bom.

Entrevista -- Fale mais um pouquinho da sua família. Você falou que sua mãe gostava de fazer menino. Quantos irmãos você tem?

Zé Pinto -- Eles fizeram, ela mais meu pai, uns cinco ou seis meninos. Eu fiz mais, fiz dez. Morreram dois, tem oito. Eu tenho uns irmãos, um tá no Piauí, os outros tão por aqui. Tenho duas irmãs e três ou quatro irmãos, comigo. Eu sou o mais velho, primogênito. Bonito, né, esse nome! Apesar de tudo eu sou louco por essa cidade "véia". Primeiro, meu povo, meu povo me quer bem.

Entrevista -- Seu pai era marceneiro. Você chegou a trabalhar com ele também?

Zé Pinto -- Ele não deixou. Eu fiz tanta coisa... E depois, com 50 anos de idade, comecei a fazer arte. Eu puxei aos filhos. Os filhos começaram desde pequenos, e eu notei que eles tinham muito talento. E eles escondiam, botavam debaixo do colchão da cama. E eu comecei a levar pra faculdade - eu trabalhava na Faculdade de Medicina e tinha muitos amigos médicos, e eles gostavam. Eu me considero um Pelé. Porque a imprensa, a televisão... As pessoas falam da televisão, eu não falo. A televisão é um negócio bom. Ela lhe joga lá, no ar, em órbita. Você tem que se agüentar... E essa menina, quem é?

Entrevista - Chegou agora. É a Ana Paula.

Entrevista -- Você começou sua arte com cinquenta anos. Primeiro, você mostrou os trabalhos dos seus filhos, depois começou a fazer também?

Zé Pinto -- Foi. Ai os meninos foram embora e me puxou o tapete... Quem é o dono dessa menina? Tem não? Mais vai ter... Sim, "vumbora".

Entrevista -- Você estudou? Chegou a estudar até que série? Você gostava de estudar?

Zé Pinto -- Não. Não estudava, não. Eu gostava muito de estudar Inglês. Louco por Inglês. Já estudei um ano no Ibeu (Instituto Brasil-Estados Unidos), mas pagava véio não aprende a falar. Eu queria ter nascido num lugar que falasse Inglês, acho bonito. "The beautiful girl"... (risos) Eu estudei em tanto colégio... O primeiro colégio, São Luiz, que era do governador Pimentel, ali, na

rua do Imperador com Liberato Barroso. De Francisco Menezes Pimentel. Estudei na Fênix Caixeiral, fiz um curso lá. Fiz o tiro-de-guerra (serviço militar). Sempre gostei de ler e de estar ligado no Inglês. Não gosto de Francês, não... Como é o nome dela?

Entrevista -- Zé Pinto, quando a gente é adolescente, ou está estudando muito ou está batalhando uma profissão. Você exerceu alguma profissão quando criança?

Zé Pinto -- Não, queria era brincar. Brincava de caminhãozinho, fazia os meus brinquedos. Não tinha de plástico. No tempo da guerra não vinha brinquedo e eu tinha um tio que tinha umã loja, "Casa Cristal", ali, na Floriano Peixoto. Ai meu tio mandou eu fazer brinquedo, pra vender na loja. Porque o alemão botava o navio a pique e não tinha estrada daqui pra Rio, São Paulo. E eu fazia caminhãozinho, fazia uma porção de brinquedo pra vender na loja do meu tio. Mas não era muito ligado a trabalhar, não. Gostava de fazer as coisas.

“ Aí eu falei pra Deus que queria que Ele me ajudasse, me desse uma arte, uma coisa diferente. Aí lembrei das coisas do meu pai.”

Entrevista -- O primeiro trabalho que você fez, qual foi?

Zé Pinto -- O primeiro trabalho da minha vida foi nessa loja, "Cristal", do meu tio. Ganhava 50 mil réis por mês. Toda vida tive horror a acordar cedo, sempre fui muito desligado. Meu pai não era rico, mas dava pra... Depois, me meti com bicicleta, alugar bicicleta. No tempo da guerra, não tinham bicicletas novas. O pessoal tava brigando lá na Europa e nós aqui sofriamos, faltava as coisas. Tinha blecaute. Black-out, o primeiro nome em inglês que eu aprendi. Depois, me apeguei muito à bicicleta, consertar bicicleta, alugar. Tinha poucos carros e as pessoas alugavam. Ali, no Otávio Bonfim, na Igreja do São Gerardo, pra ir no Monte Castelo. Porque só tinha um ônibus, pela Bezerra de Menezes. E as pessoas desciam daquele ônibus pra ir pros bairros. Hoje é muito bom, ônibus pra tudo que é lado! Pro interior só tinha caminhão. E hoje é ônibus de luxo. Hoje tem muita coisa boa.

Entrevista -- Você disse que sempre gostou muito de bicicleta. Esta sua bicicleta ainda é a mesma, velhona?

Zé Pinto -- É. A mulher é a mesma... Mas mulher, de vez em quando arrumo uma mais novinha. Mas bicicleta, não.

Entrevista -- Você é mais fiel à bicicleta do que a sua mulher?

Zé Pinto -- Sou, mas não é pra dizer, não.

Entrevista -- Mas você já disse!

Zé Pinto -- (Ri).

Entrevista -- Como foi que você conheceu sua esposa?

Zé Pinto -- Faz muito tempo. Nós namoramos não sei quantos anos. Mas hoje a mulher tá chata, briga demais, reclama (Neste momento, Zé Pinto interrompe a **Entrevista** e observa os gravadores, curioso).

Entrevista -- Essa curiosidade foi o que lhe levou à arte?

Zé Pinto -- Sei não... Essa menina não falou ainda. É calada, é? Tu é calada?

Entrevista - Sou não. Estou só esperando a oportunidade.

Zé Pinto - Esse negócio de arte foi assim: comecei a incentivar os filhos e eles foram fazendo. Eu fui comprando material pra eles pintarem. Eu comecei a vender os trabalhos deles. Era marchand - ai é francês, né? Passei a ser o marchand, botava na bicicleta e ia vender pros médicos. E o feijão começou a melhorar em casa, por causa dos salários dos meninos. Aí, os meninos foram embora. E me puxou o tapete e eu fiquei feito égua. Aí eu falei pra Deus que queria que Ele me ajudasse, me desse uma arte, uma coisa diferente. Aí lembrei das coisas do meu pai. Eu tinha mania de pregar pregos na tábua e meu pai morria de brigar, porque era caro, naquela época já era caro. E eu, agora, vou pregar os pregos. Comecei a desenhar, não sabia nem desenhar. Era um galo, quando não era galo era galinha. Fiz dois anos trabalhos de prego. Participei da Exanor com um cavalo-marinho, grande assim. Ali, no Centro de Convenções, eu participei dois anos da Exanor. Era a Exposição de Artesanato do Nordeste, era uma beleza! Mas depois acabaram. Dois anos eu participei com um trabalho de pregos. Aí, na passagem do ano de 77, fiz outro pedido a Deus. Que me desse uma coisa nova, diferente. Entrou o mês de janeiro e eu saí, na bicicleta, feito doido, procurando por ai, e não acha-

va. Até que, quando foi lá pelo dia vinte e tantos de janeiro, eu vou deixar um trabalho de prego num amigo e ele -- tinha vindo não sei de onde, lá da firma J. Macedo - vou fazer o comercial aqui, eles são muito meus amigos. Ai ele disse: "Por que você não trabalha com ferro?"

“ Nova York é maravilhoso, wonderful, linda. Mas tem muita esculhambação, muito nêgo drogado no meio da rua, tudo que não presta.”

Eu nunca trabalhei com ferro, a não ser o prego. Quando ele disse isso, me lembrei da resposta. Me arrepiei todo, o santo baixou. Outra coisa que não sei explicar. Fui num ferro-velho, peguei enxada, foice, fiz um galo. Fiz, não. Comprei as coisas, fui numa oficina, eu nunca tinha soldado. Mandei o cara: "Solda aqui. Solda ali". E formei um galo. E botei o nome do galo o nome do cara que deu a idéia, Odilon. Ele é um cara bom, modesto. Não aceitou. Eu levei o galo pra ele: "Você foi o enviado (ri), o enviado de Deus". Porque ele disse isso e eu captei a mensagem. Comecei a ver coisas. No ferro, as formas. E comecei a trabalhar. Em março, eu participei da Exanor. Foi um espetáculo.

Entrevista -- E a reação da imprensa?

Zé Pinto -- A imprensa me ajudou muito. Eu gosto muito de futebol e acompanho a seleção brasileira. O primeiro jogo da seleção brasileira eu ouvi num rádio velho, em 1938. E tinha um jogador lá, que era melhor do que Pelé, Leônidas da Silva. Mas não tinha televisão, e o pobre do nêgo trabalhava como o diabo, mas não aparecia. Mas o Pelé também é bom. E é bom em outras coisas, não é só em bola. Ele se preocupa com o Brasil. Agora tá descobrindo na CBF um João da Silva por lá. João o quê?

Entrevista -- João Alves (deputado federal baiano envolvido no escândalo de corrupção no Orçamento da União).

Zé Pinto -- João Alves... Isso é nome de cabra sem-vergonha mesmo... (ri).

Entrevista -- E os convites para expor no exterior partiram de quem?

Zé Pinto -- Quem... Foi um americano. Veio aqui, mister Davis, em 89, 88 -- não sou muito ligado em números. Ele viu meu trabalho, levaram ele lá, ele viu. Quando foi uma criatura daqui, da universidade, uma moça velha, diretora depois daquela faculdade de Economia: "Zé Pinto, vem cá. Vão te levar pros Estados Unidos". Fiquei esperando. Ai eles me levaram. Passei um mês lá, em New Hampshire. Lugar bom. Tem umas galinhas hampshire. É lá. Nova York é maravilhoso, é wonderful, é linda. Mas tem muita esculhambação, muito nêgo drogado no meio da rua, tudo que não presta. Mas New Hampshire é um paraíso. É uma coisa tão linda... As pessoas deixam os carros do lado de fora, não fecham nem as casas. Ladrão pobre lá não tem não.

Entrevista -- Voltando pro início da sua carreira, aqui mesmo, em Fortaleza. Você começou seu trabalho com uma idade bem avançada...

Zé Pinto -- Com 50 anos.

Entrevista -- E você acha que esse sucesso repentino que você teve influenciou na continuidade de sua obra?

Zé Pinto -- Ora, influenciou, senão...

Entrevista -- A coleta do material do seu trabalho, você vai atrás ou alguma pessoa chega na oficina e leva?

Zé Pinto -- Tem pessoas que levam. Quando mandam consertar o carro: "Zé Pinto, sobrou umas peças", e levam. Levam e eu agradeço. Mas eu tenho que ir, eu mesmo, pra encontrar.

“ A censura era pesada. Deixei a exposição e fui pra casa almoçar. Quando voltei, tinha nadinha. Os milicos tinham levado tudinho.”

Entrevista -- Quando você vai numa sucata, já vai com uma idéia fixa?

Zé Pinto -- Às vezes, vou atrás de uma pecinha e acabo trazendo 40, 50 quilos.

Entrevista -- Zé Pinto, você usa textos engraçados no seu trabalho. Você tem um trabalho só dos textos, esses ditos engraçados?

Zé Pinto -- Deixa a lourinha perguntar, depois eu volto pra essa...

Entrevista -- Quando você era criança e fazia seus caminhõezinhos já transformava alguma coisa. O artista é aquele que transforma alguma coisa em arte. O senhor já era artista e não sabia?

Zé Pinto -- Mas não era senhor, não. Eu sei lá! Acabe com esse negócio de senhor! Onde é que eu estou? Caminhãozinho em tábuas, sobra de tábuas do meu pai, já aproveitava as sobras... Fazia de flandre, de lata... Eu quis ser carpinteiro, marceneiro, e meu pai não deixou.

Entrevista -- Voltando, os textos que você escreve, as piadinhas...

Zé Pinto -- O que eu tenho daria um livro. Tem uns muito esculhambados...

Entrevista -- Essa esculhambação que você fala se reflete em uns trabalhos seus: tem o cachorro metedor... O que é mais gostoso de fazer?

Zé Pinto -- Os dois. Mais gostoso de fazer é foder. Fiz muitas denúncias... Uma vez, tava expondo ali, nas Culturas (Casas de Cultura, centros de línguas da UFC). Tava expondo e tinha umas coisas pesadas... E a censura era pesada. Eu deixei a exposição e fui pra casa almoçar. Quando voltei, tinha nadinha. Os milicos tinham levado tudinho, pra censurar.

Entrevista -- Como eram as peças?

Zé Pinto -- Eu não me lembro. Mas eu mexia... Dava umas "tacadas" neles.

Entrevista -- Seu relacionamento com suas obras. Você disse uma vez que uma obra dessas era como um filho pra você. Queria que você falasse da relação com suas peças.

Zé Pinto -- Me perguntam qual é a que eu gosto mais. Eu gosto de fazer muito Chaplin. Porque acho Chaplin um cara que fez muita coisa no mundo. Um Vinicius de Moraes, um Chaplin, são pessoas que vieram ao mundo... Se eu fosse Deus, as pessoas que fizessem coisa boa eu botava pra viver duzentos anos, não mata-va. Pixinguinha... Eu sou louco por esse povo, que diz alguma coisa. Luiz Assunção, um Lauro Maia...

Entrevista -- E as pessoas que prestigiam sua arte. Tem aquele pessoal que entrou em contato na época que você trabalhava na universidade...



Logo quando a entrevista começou, quando os gravadores foram ligados, chamaram a atenção de Zé Pinto: "É muito bom isso, né?"

Durante a entrevista, Zé Pinto fez algumas perguntas. As meninas eram o alvo principal. Quis saber o nome delas e se tinham dono.

Ao saber que Zé Tarcisio seria entrevistado, lembrou-se do "xará" ecologista soltando passarinho da gaiola do vendedor.



Ostrabalhos de Zé Pinto têm uma ótima receptividade. No entanto, ele confessa que as obras que mais vendem são as sacanas.

Zé Pinto gesticula muito enquanto fala. A voz dele é muito baixa. Às vezes, inaudível. Isso dificultou a edição da "Entrevista".

Bairrista. Uma das características de Zé Pinto. "Ser cearense é tão forte que a capital é uma Fortaleza", disse ao sair.

Zé Pinto -- É, na universidade teve pessoas que me ajudaram, reitores. O primeiro que começou a me ajudar foi o doutor Newton Gonçalves, um cara muito bom, muito culto, muito direito, uma pessoa formidável. Ele me trouxe para cá. Eu trabalhava na Faculdade de Medicina, trabalhei 20 anos lá. E aqui eu fiquei um tempo, aí jogado. Lá eu tinha uns camaradas que me perseguiam, tinham inveja. Não, eles não eram camaradas. Eram uns sacanas. Aí o Paulo Elpidio (ex-reitor da UFC), não, o reitor antes... Era Pedro Barroso... (Neste momento, Zé Pinto olha para o teto e vê uma mancha de mofo: "Parece um veadinho pulando... Sujo de parede, eu vejo formas"). Sim, o Pedro Barroso. Morreu. Foi muito bom, me trouxe.

"Euzélio no começo não foi muito legal comigo (...) Eu não era artista, com cinquenta anos passei a ser, nem todo mundo aceitava."

O Newton Gonçalves era vice-reitor dele. Houve até uma coisa engraçada... o Pedro Barroso era dentista. O Newton Gonçalves era médico, muito culto. Botaram o Pedro Barroso pra ser reitor. Dizem que o Newton Gonçalves disse assim: "Era só o que faltava! Um dentista ser reitor..." E o Pedro Barroso convidou o Newton pra ser o vice. Foi engraçado, né? E ele me trouxe, e me botou na Casa Amarela (Núcleo de cinema e vídeo da UFC). O Eusélio (Oliveira, ex-diretor da Casa Amarela, já falecido) -- que Deus o guarde lá -- ele, no começo, não foi muito legal comigo. Porque houve uma mudança muito grande. Até dou razão a algumas pessoas. Eu não era artista, com cinquenta anos passei a ser artista, nem todo mundo aceitava. Ele dizia assim: "Uma terra em que um homem desse é artista..." (ri). Ele me perseguiu. Mas graças a Deus, já pelo último ano antes dele morrer, era meu amigo.

Entrevista -- Ele reconheceu sua arte?
Zé Pinto -- Reconheceu, depois, mas reconheceu.

Entrevista -- E hoje, existe alguém que não aceite seu trabalho como arte?

Zé Pinto -- Tem alguém, mas azar deles.

Entrevista -- Você recebe pessoas, na sua oficina, com encomenda, e que pedem algum tipo de trabalho?

Zé Pinto -- Quando chega, eu fico doente. A essa altura, tem que agradecer aquela pessoa. Aí eu digo: "Eu não sou ferreiro, sou artista. Tenho que criar". Mas o ferreiro é que a pessoa chega e diz: "Entorta esse ferro, faça isso aqui".

Entrevista -- Como foi sua experiência na Central de Artesanato Luiza Távora? Você teve um box ali, com outros artistas, com outros artesãos. Com é que você foi pra lá?

Zé Pinto -- Me convidaram, eu fui, era bom. Mas os artistas tinham que cumprir um tempo e, depois, essa coisa de governo, entra e sai, não sei quem, as panelinhas... Aí vou ficar no meu cantinho, na minha base...

Entrevista -- Pra você tem alguma diferença entre arte e artesanato?

Zé Pinto -- Não. Tô preocupado com isso, não. Eu quero fazer alguma coisa, faço, e quem quiser comprar, adquirir... Não vou abrigar. Eu gosto de fazer, eu faço. Gosto de fazer Charles Chaplin, adoro fazer. Fiz até um poeminha pra ele, que é assim: "Sem falar, Carlitos/ Alegrou mais o mundo/ Do que muita gente/ Dando gritos". Carlitos era fantástico! Era inglês, foi pros Estados Unidos, lá, naquela época contra o comunismo, tacharam-no de comunista. Eu peguei uma reverência muito grande a Carlitos. Como a Lampião, Padre Cícero. Pra mim, tudo é do mesmo time. Lampião era um cara que fez muitas maldades no mundo, mas fez muita bondade e sofreu muito. Porque Lampião corria pelo mato. Andou o Nordeste todinho, Aracaju, esse meio de mundo, Bahia, Pernambuco, tudinho até o Rio Grande do Norte ele andou. E por dentro do mato, se escondendo. Porque a pessoa andar numa estrada, num asfalto, hoje em dia, só andar a pé, é ruim. E o cara andar por dentro de mato? Ele fez muita estripulia. Mas no Ceará ele não fez muita, não.

Entrevista -- Vem muita gente de fora comprar seus trabalhos?

Zé Pinto -- Muita não. Se viesse muito eu tava rico (ri). Mas vem.

Entrevista -- De todo canto? Daqui mesmo?

Zé Pinto -- Daqui mesmo. Bom, o Airtton Angelim (advogado, presidente da Junta Comercial do Ceará) me adquiria muita peça, me ajudava muito. E o Tasso (Jereissati, ex-governador do Ceará, presidente nacional do PSDB) tinha um prazer

muito grande de dar presente aos embaixadores, que vinham aí, não sei de onde. O Tasso me ajudava muito, por isso, porque comprava minhas peças. O Ciro é bom, mas tem um irmão dele que é meio chatinho... Quer saber o nome dele? Não-sei-o-quê Gomes.

Entrevista -- Fale mais um pouquinho dessa maneira que você cria suas peças. Por exemplo, aquela exposição erótica do Espaço Cultural da Teleceará. Como é que você pensa naquele tipo de peça?

Zé Pinto -- Eu só penso nisso! (risos)

"Tô ficando assim meio chateado com negócio de Igreja (...) A religião católica acha que a gente tem que sofrer pra ir pro céu."

Entrevista -- Não, não exatamente sobre esse tipo de peça... Por exemplo, aquela peça do presépio, que tem lá na (av.) Bezerra de Menezes.

Zé Pinto -- Ali foi em 1978, o presépio foi pra Praça do Ferreira. Vocês eram meninos, em 78... O Luiz Marques (deputado federal pelo PFL, ex-superintendente do DNOCS) foi o prefeito de Fortaleza na época. Aí ele chamou vários artistas pra cada um criar um tipo de presépio. Aí fiz o meu. Aí botei o nome dos três reis magos: era Belchior, Fagner e Ednardo, porque tinha um dos três reis magos que o nome dele era Belchior. O judeu.

Entrevista -- Você parece ser muito religioso, tem sempre algumas peças...

Zé Pinto -- Tem que ser, né? Não. Eu tô ficando assim meio chateado com negócio de Igreja... Os santos. Porque eu noto, de pensar neles, que eles parecem que ficam mais satisfeitos quando a gente tá lascado. A religião católica acha que a gente tem que sofrer pra ir pro céu. E o que a gente quer é passar melhor aqui. E o protestantismo -- porque o pessoal americano --, a religião protestante quer é que a pessoa prospere. E o católico tem esse negócio de "ah, sou pobre porque Deus quer". O nosso pobre não diz isso? Eu vou à igreja, mas não vou assim pra ir pra missa, pra aquela conversa toda, não

gosto. Eu vou na igreja falar com Deus. Como eu vou na casa de qualquer pessoa, vou na casa Dele sim. Mas essa coisa da gente sofrer pra ir pro céu, não quero não. Eu quero é passar bem aqui (ri).

Entrevista -- Voltando pro processo de criação da obra. Você disse, agora há pouco, que não era um ferreiro, era um artista. Como você tem essa inspiração, de pegar um capô de Fusca, um pedaço de sucata? Com é que sai essa coisa?

Zé Pinto -- É... Eu vejo a forma no capô do carro, na peça do carro. Eu vejo uma forma. Nessa época que eu comecei a trabalhar com a peça, comecei a ver a forma do carro que eu não via. Eu vejo a forma, aí digo: "aquela dali dá isso". Eu fiz um Lampião de capô. Fiz um Padre Cicero. Lá em Brasília, na Casa do Ceará, tive em Brasília há um mês e pouco, e ela (a presidente da Casa do Ceará) me disse que o pessoal acende vela pro meu Padre Cicero de capô de carro! Acho que cearense que tem lá, devoto, vão e acendem vela pro Padre Cicero.

Entrevista -- Você teve alguma peça que não teve coragem de vender, que ficou pra você?

Zé Pinto -- Eu não! Eu só vivo liso (ri). Eu pejejo pra ficar com uma, mas as pessoas querem. Sempre tô precisando de vender. As pessoas me perguntam: "Zé Pinto, tá vendendo bem?" Eu digo: "Eu tô, as pessoas é que não estão comprando bem" (risos).

Entrevista -- Teve épocas melhores?
Zé Pinto -- Teve não.

Entrevista -- Você disse que não gosta que as pessoas cheguem e peçam.

Zé Pinto -- Fico doente!

Entrevista -- Mas se chegarem dizendo que você faça um Chaplin, você faz?

Zé Pinto -- Um Chaplin, vai. Mas se uma pessoa chegar e disser assim: "Zé Pinto, eu quero que você faça assim, assim, assim". Eu fico preocupado, aí eu não vou me agradar. Vou agradecer àquela pessoa. Mas será que ela vai gostar do que eu vou fazer? Eu gosto de fazer. Eu faço uma coisa, no meu pensamento, do jeito que eu gosto. A arte, pra mim, eu comparo a arte com as pessoas. É como um pai. Um pai faz uma filha. Ele não tá preocupado em fazer uma mulher bonita pra não sei pra quem. Fez você, criou. E aparece um cabôco gostoso e ataca. Assim é a arte.

A mesma coisa da vida, do amor. Pois bem, se eu sou um criador de arte, o cara olha, olha, gosta de uma. Como tem um bocado de mulher, o cara chega, escolhe uma. É a mesma coisa.

“Obra de arte é como um filho. Só digo que a obra de arte é minha quando eu faço. Só digo que o filho é meu se eu comi a mulher.”

Entrevista -- Tem alguma peça que começou a fazer, não gostou e colocou no lixo?

Zé Pinto -- Não. Graças a Deus, não. Às vezes demora, mas eu fico falando: "Se agüente aí".

Entrevista -- Qual o material que você mais gosta de trabalhar?

Zé Pinto -- É com a sucata mesmo. Sucata é que é o forte, que dá mais força.

Entrevista -- Por que você não trabalha com materiais convencionais? Você não tira inspiração deles? Você vê um capô de Fusca e imagina o objeto. E vendo, por exemplo, uma pedra de mármore, você não imagina o objeto?

Zé Pinto -- Eu não sei esculpir, esculpir a pedra eu não sei. Vejo coisas em qualquer coisa. Agora eu vendi uma peça, era um homem e uma mulher, nessa "Erótica". Dois

“... Dinheiro é como mulher. Se a gente não comer, os outros comem. A gente tem que usar. Desculpa aí, mas a história é assim mesmo.”

troncos, que o cara cortou uma planta, jogou. Eu ia passando de bicicleta e vi, uma mulher perfeita, com a vagina, com as pernas da mulher assim, as pernas abertinhas. Só o tronco, só do melhor pra baixo... E o homem era um cara com o negócio bem grande. Botei o nome assim:

“Piedade, Senhor”. Não tinha a Pietà? A mulher pedindo piedade, o cara com aquela ignorância... Eu já fiz Cristo de osso de galinha, de osso de boi. Eu vejo no osso a forma. Às vezes, a pessoa encosta o pé na parede e o sapato sujo dá as formas. As nuvens... O mundo é cheio de formas.

Entrevista -- Você vive sempre procurando essas formas?

Zé Pinto -- Não. Eu ando sempre ligado. Mas procurando essas formas, não.

Entrevista -- Das exposições que você participou, mais recentes, teve a mostra para as Esculturas Efêmeras. Você participou de uma edição, mas dessa não. Por quê?

Zé Pinto -- Nunca houve nada. Sabe, tem uma coisa aqui. O Sérulo Esmeraldo, dizem que ele é escultor. O Aleijadinho era escultor, as mãozinhas todas feridas, na corcunda do escravo, as mãozinhas amarradas, esculpindo a pedra. Aí sim, tenho a obrigação de falar bem. Mas o Sérulo Esmeraldo vai na Fundação Cearense, manda o operário soldar... Obra de arte é como um filho. Eu só digo que a obra de arte é minha quando eu faço. Eu só digo que o filho é meu se eu comi a mulher.

Entrevista -- Mas no início você não soldava as suas peças...

Zé Pinto -- Ah, sim. No começo. Mas...

Entrevista -- ... Mas essas obras eram como filhos também?

Zé Pinto -- Eram, mas eram filhos rejeitados, né? Não era um filho assim...

Entrevista -- Por causa dessa sensação, que a coisa não era bem sua, que você aprendeu a mexer com a solda?

Zé Pinto -- É. Fui soldar. Porque eu mentia, dizia que tinha sido eu que tinha feito. Fui comprar uma pistola, no seu Ivan de Castro Alves (empresário). Disse: "Seu Ivan, me ajude a não mentir". "Em quê?" "Me venda uma máquina de solda." Eu não sou um bom soldador, exímio soldador, mas eu aprego as peças. Os soldadores profissionais fazem uma solda bem feita. Eu não sei ainda. Aprendi comigo mesmo, ninguém me ensinou. Acho bom trabalhar, trabalho mais à noite, vou até 11 horas da noite. Não tenho hora pra nada. Tô lá em casa, me levanto, vou trabalhar, depois vou dormir. Durmo qualquer hora do dia, trabalho qualquer hora. Graças a Deus que já tô



A sala da casa de Zé Pinto é decorada com vários quadros do filho mais velho, Gerardo, falecido aos 36 anos, no Rio de Janeiro.

Quando do primeiro contato pessoal com Zé Pinto, Ana Maria e Djane, da equipe de produção, ficaram esperando meia hora por ele.

Zé Pinto chegou na velha bicicleta, com celim forrado de cuchia. Ele estava todo sujo de graxa, de calça, camisa e sandálias havaianas.



No bate-papo na casa dele, Zé Pinto declarou-se fã de Madonna. Comparou-a com Marilyn Monroe, mas para ele a popstar não tem o mesmo "tchan".

Zé Pinto percebeu a aliança de noivado no dedo de uma das alunas. Perguntou se ela ia casar e aconselhou: "Faça isso não..."

Quando foi servido de salgadinhos e refrigerante, Zé Pinto interrompeu uma resposta e brincou: "Oh, professor bom, não é?"

aposentado, não sou mais funcionário pra obedecer relógio.

Entrevista -- *Depois que você começou a trabalhar com a solda notou algum tipo de mudança, de evolução no seu trabalho?*

Zé Pinto -- É, só dá certo eu fazer.

Entrevista -- *Com todo esse tempo, experiência de tantos anos de vida, viagens ao exterior... Há algum tipo de evolução na essência de sua obra?*

Zé Pinto -- É claro. Quando vejo as primeiras peças que eu fiz e as de hoje, as de hoje têm muito aprimoramento.

Entrevista -- *Você tem algum tema preferido para...*

Zé Pinto -- Muié, muié, muié!

Entrevista -- *Você pensa em um dia se aposentar da arte?*

Zé Pinto -- Hum, só quando eu morrer! Deus me livre! Ave-Maria! Eu tenho um prazer tão grande na minha arte! Eu não ganhei ainda dinheiro na minha arte. Ganho, mas... Não sei se é porque eu gasto, mas dinheiro é como mulher. Se a gente não comer, os outros comem. A gente tem que usar. Desculpa aí, mas a história é assim mesmo.

Entrevista -- *Vamos falar disso: você gosta de mulher, de namorar. E disse que tem dez filhos. Dez que você sabe ou tem certeza?*

Zé Pinto -- Tenho certeza. Porque quem faz menino na mulher dos outros perde o menino. E aí é chato como todo. Eu fiz dez meninos em casa, sete homens e três mulheres. E criei-os. Ontem nasceu minha "ônzima" neta, lá em Brasília.

Entrevista -- *Nessas suas andanças por aí...*

Zé Pinto -- Não, não. Pelejei pra comer uma americana. Lá é muito cheio de frescura, pro cara pegar uma mulher. Eu só passei um mês. Agora, tenho muita vontade de ir à Alemanha. Se pegasse uma lourinha, daqueles cabelinhos... Eu quero ir. Ontem vendi uma peça a uma alemã e pedi que ela arranjasse uma exposição pra mim. Eu quero ir enquanto eu tô em forma, quero ir bem bacana, e andar e conhecer e fazer um bocado de coisa.

Entrevista -- *Os artistas plásticos daqui do Ceará, tem algum que seja seu amigo, que tenha lhe ajudado?*

Entrevista -- Não. Só amigo, mas esse negócio de ajudar... Só conto comigo mesmo, com a minha força de vontade, com Deus. Tenho mais fé

nas pessoas que me ajudaram comprando peças, adquirindo. Por exemplo, na firma J. Macedo: as pessoas do grupo são boas pra mim, me compram peças. Quando eu tô precisando vou lá e vendo peças a eles. Eu vivo muito trabalhando. Não tenho tempo assim de andar no meio. Acho que eles me separam, mas também não faço questão. Gosto muito de trabalhar, porque dignifica as pessoas. E o que eu tenho pra mostrar é o meu trabalho. Eu devia ter trazido alguma peça, nera?

Entrevista -- *Tem alguma coisa que não fez e gostaria de fazer?*

Zé Pinto -- É ir à Alemanha, comer uma alemãzinha. Sabe, eu quero ir à Europa. Tenho muita vontade de ir à Alemanha. Ainda vou.

Entrevista -- *Você pensa em morar em algum outro local?*

Zé Pinto -- Não tenho mais preparo físico pra mudar, não. É se acabar aqui mesmo. Mas, passear... Passear, não. Ir lá, fazer uma exposição. E voltar, porque aqui é a minha terra. Por exemplo, fiquei louco por New Hampshire. A gente vê aqui tanta miséria, tanto menino passando fome, tanto ladrão, as pessoas não têm o que comer. Lá nos Estados Unidos eu vi uma coisa... Eu tava numa exposição, num lugar lá. E mandaram pra mim um velocípede enorme, usado. Pra eu transformar. Eu mandei chamar mister Davis, fala bem português, é louco pelo Ceará. Eu disse: "Mister Davis, vamos dar o velocípede pra um menino pobre?" Ele se abaixou e disse: "Aqui não tem menino pobre". Pois é... Eu fiquei morrendo de inveja. Eu tinha vontade de morar lá. Mas não dava mais. É tão bom que os americanos não querem ninguém lá, tão é botando pra fora. O Maurício Albano (fotógrafo cearense) foi comigo. A gente foi, mas é assim: a passagem, havia tal hora, tal dia pra vir. Pra ir pra Nova York, não podia antecipar. Passamos uma noite e um dia, na hora tal tem que pegar o vô. Levam lá, mas é pro sujeito vir, marcam a hora pra voltar.

Entrevista -- *Você foi convidado a ser vereador do seu bairro e não aceitou. Por quê?*

Zé Pinto -- A minha arte é tão sublime, tão bom. Se eu fosse vereador não tava aqui com vocês. Tô aqui por causa da arte. Os governadores passam e os artistas ficam.

Entrevista -- *Na sua casa, na Bezerra de Menezes, tinha uma galeria de arte e um restaurante...*

Zé Pinto -- A galeriazinha tá lá. Mas

o restaurante papocou. Era bonzinho, mas nós fizemos uma reforma e demoramos seis meses. O restaurante ficou lá dentro, num salão enorme. As pessoas passavam, pensavam que não tinha mais. A frequência caiu e meu filho disse: "Pai, vou acabar com o restaurante". E botou uma oficina de carro. É bom, eu consigo as sobras das peças. Vocês não estão enjoados, não?

Entrevista -- *Você falou que era liso...*

Zé Pinto -- Liso, liso, liso, não. É porque eu sou um pai besta, tenho um bocado de filho. E o filho não tá numa situação boa, eu chego junto.

Entrevista -- *Esses seus filhos, que fazem trabalhos de arte, eles continuam?*

Zé Pinto -- O mais velho era um bom artista, arquiteto. Morreu lá no Rio, teve um derrame com 36 anos. O mais velho. O outro tá na Bahia, Salvador. Andou em São Paulo, Andou na Itália. Tem outro que faz um trabalho de pedras, muito bonito. Hoje ele é veterinário, casou, tem três filhos. É um grande artista, mas preferiu se formar, tá até no Maranhão. O meu jeito de ser artista é trabalhar. Pra mim tudo se resume no trabalho. "O valor do homem é o trabalho, o caralho e a desgraça é o baralho."

Entrevista -- *No seu trabalho, o que lhe dá mais satisfação?*

Zé Pinto -- É trabalhar. Quando estou trabalhando eu tô em órbita, num estado de graça.

Entrevista -- *Agora, pra encerrar, queria que você dissesse o que achou desse bate-papo. O que você gostaria de dizer pra esses jovens?*

Zé Pinto -- Que trabalhem. Estudem. Sem trabalho não se faz nada. O valor é trabalho. Eu não sei ficar sem trabalhar, sentar num canto, conversar besteira. Só aqui, com vocês, agora. Trabalhando eu sou Zé Pinto. Não trabalhando, o que é que eu sou? Um velho besta. Tô com 68 anos. E a maioria dos caras na minha idade diz: "Aí, tô velho". Eu sou é novo. Tirei uma coisa de velho agora, um cartão pra andar no ônibus de graça. E a passagem agora tá cada dia mais cara. Eu acho que vocês é que são bons, me trouxeram, como diz o cabôco. Vão se formar. E tu é de onde? Daqui mesmo? Vamos fazer uma pesquisa (começa a perguntar a cada um onde nasceu).